

Europa: entre a passividade tecnológica ...

 lidermagazine.sapo.pt/europa-entre-a-passividade-tecnologica-e-a-soberania-de-defesa-que-tarda-em-chegar

Europa: entre a passividade tecnológica e a soberania de defesa que tarda em chegar

No atual momento em que os Estados Unidos da América integram Inteligência Artificial (IA) em estruturas militares através de parcerias diretas com empresas tecnológicas, a Europa continua a discutir, a regular e a planear. O contraste é cada vez mais evidente, e, sobretudo, desconfortável.

Do outro lado do Atlântico, a integração de IA em sistemas de defesa já não é hipótese académica, mas sim uma decisão política. Enquanto isso, a Europa debate, desde há anos, como reduzir a dependência transatlântica e criar capacidades próprias. Mas debate parece ser a palavra-chave, e as horas do relógio geopolítico avançam sem piedade.

A União Europeia tem anunciado fundos, planos de reforço industrial e iniciativas para acelerar a base tecnológica de defesa. Fala-se de autonomia estratégica, de soberania digital, de reduzir dependências externas. Tudo certo, no papel. O problema é que, o mundo não está à espera do alinhamento de Bruxelas relativamente às regulamentações em 27 países, e nesse sentido, é urgente criar estruturas que permitam à Europa agir com velocidade e coordenação, sem abrir mão dos valores que a definem.

Além deste problema da velocidade, a Europa depende ainda, em larga medida, da tecnologia e dos ecossistemas dos EUA e aliados para capacidades críticas, desde software a infraestruturas. Isto num mundo em que as políticas externas dos EUA podem mudar a cada instante, deixando a Europa vulnerável a decisões geopolíticas que nada têm a ver com os interesses estratégicos comuns imediatos. Por fim, e para contribuir para a infeliz festa, o contexto da tensão internacional crescente, desde o Médio Oriente à instabilidade permanente na vizinhança Leste, torna a fragilidade da vulnerabilidade europeia, cada vez mais visível.

A verdade incómoda é esta: a Europa ainda não produziu gigantes tecnológicos de defesa comparáveis aos americanos ou chineses. Existem startups promissoras, há capital a circular, há talento. Mas falta escala, coordenação e sobretudo, velocidade.

Enquanto Washington decide rapidamente como integrar IA em sistemas militares, a Europa continua presa a processos lentos, a procurement fragmentado e a debates ideológicos que, embora legítimos, raramente produzem capacidade operacional concreta.

Não se trata de militarizar a inovação nem de abandonar princípios éticos, pelo contrário. Trata-se de perceber que soberania sem capacidade tecnológica própria, é uma ilusão confortável. Se a infraestrutura digital que suporta defesa, comunicações e intelligence depende de terceiros, então, a autonomia é condicional.

Autonomia estratégica não significa apenas produzir tecnologia própria: significa garantir que as empresas europeias têm espinha dorsal suficiente para defender princípios quando a pressão política aumenta. Precisamos de um ecossistema onde empresas consigam negociar com governos, sem submissão automática, mas também, sem ingenuidade, em que as empresas são capazes de dizer “sim” à inovação militar responsável, e “não” quando a linha vermelha é cruzada.

A questão central não é se a Europa deve investir mais em defesa tecnológica. É se consegue fazê-lo com a urgência necessária. Porque a próxima década vai definir quem controla as ferramentas que moldam segurança, poder e influência global.

A Europa pode escolher ser protagonista ou cliente, mas não pode continuar a fingir que as duas realidades são compatíveis.

Bruno Castro,
Fundador & CEO da VisionWare. Especialista em Cibersegurança e Análise Forense.